

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO SUL DE MINAS – UNIS/MG
JORNALISMO
GEOVANA MESQUITA OLIVEIRA

A IMPORTÂNCIA DO JORNALISMO INVESTIGATIVO NA PRESERVAÇÃO DA
MEMÓRIA SOCIAL

Varginha
2022

GEOVANA MESQUITA OLIVEIRA

**A IMPORTÂNCIA DO JORNALISMO INVESTIGATIVO NA PRESERVAÇÃO DA
MEMÓRIA SOCIAL**

Monografia apresentada ao Centro Universitário do Sul de Minas Unis/MG, como parte integrante dos requisitos para a obtenção do grau ao curso de Comunicação de Bacharelado em Comunicação Social com Habilitação em jornalismo. Orientador: Prof. Ma. Gisele Cristina Nishiyama

**Varginha
2022**

GEOVANA MESQUITA OLIVEIRA

**A IMPORTÂNCIA DO JORNALISMO INVESTIGATIVO NA PRESERVAÇÃO DA
MEMÓRIA SOCIAL**

Monografia apresentada ao Centro Universitário do Sul de Minas Unis/MG, como parte integrante dos requisitos para a obtenção do grau ao curso de Comunicação de Bacharelado em Comunicação Social com Habilitação em jornalismo. Orientador: Prof. Ma. Gisele Cristina Nishiyama.

Aprovado em: 21/11/2022



Prof. Ma. Gisele Cristina Nishiyama



Prof. Marco Antônio Leite



Prof. Dra. Terezinha Richartz

OBS.:

Dedico este trabalho primeiramente a Deus por sempre me capacitar; aos meus pais por me incentivar durante todo processo, aos meus amigos que fizeram os dias parecerem mais leves, e aos profissionais que lecionaram durante todo o curso transmitindo seus conhecimentos para que eu chegasse até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Pai que nos transforma e protege todos os dias, sem Deus eu nada seria. Aos meus pais por batalharem pra que eu tivesse um futuro promissor, o qual muitas pessoas da minha família e até eles não puderam tê-lo. Aos meus amigos da vida e aos que fiz na faculdade, desejo sucesso e agradeço pelos momentos bons em que conseguimos superar nossas diferenças, em especial meu amigo, minha dupla e de agora em diante meu colega de profissão, Alisson Marques. Ao meu namorado, Higor Masson, que nunca mediu esforços para me acompanhar nesta jornada enquanto estivemos juntos. Aos profissionais que conheci durante o curso, em especial minha orientadora Gisele Cristina Nishiyama, que sempre se dispôs a me atender com todo profissionalismo e competência que demonstrará em sala de aula. Aos profissionais que me abriram as portas para que eu pudesse começar a traçar minhas capacidades e me identificar nas áreas que o curso me proporciona. Ao Prefeito de Boa Esperança, o qual me abriu as portas para o meu primeiro estágio, na Prefeitura Municipal de Boa Esperança, lá pude conhecer profissionais da área de comunicação, como o Relator Público e Jornalista, Thiago Nicácio, o qual sempre esteve a disposição para me auxiliar no trabalho e me ensinou um pouco de tudo que sei e carregarei comigo. Todos foram essenciais para a construção da profissional que sou hoje e ainda serei, pois ainda há de vir muito conhecimento. Minha eterna gratidão a todo esse time de pessoas que Deus sentiu a necessidade de colocar em minha vida. Nunca me esquecerei do caminho que traçamos juntos. Obrigada!

RESUMO

Este trabalho aborda sobre o jornalismo investigativo, baseado no Caso da Boate Kiss. Tal abordagem se faz necessária para explorar fatos da história que precisem de maior aprofundamento, bem como analisar seu papel na preservação da memória social. A seguir, é feita uma reflexão bibliográfica acerca do Jornalismo e sua relação com a construção da realidade. O objetivo deste estudo é destacar a importância do trabalho jornalístico investigativo, diferenciando-o do jornalismo convencional. Este intento será conseguido mediante revisão bibliográfica baseado na obra da jornalista e escritora Daniela Arbex.

Palavras-chave: Jornalismo investigativo. Memória social. Boate Kiss.

ABSTRACT

This work deals with investigative journalism, based on the Kiss Nightclub Case. Such an approach is necessary to explore facts of history that need further study, as well as to analyze its role in the preservation of social memory. Next, a bibliographical reflection is made about Journalism and its relationship with the construction of reality. The objective of this study is to highlight the importance of investigative journalistic work, differentiating it from conventional journalism. This attempt will be achieved through a bibliographic review based on the work of journalist and writer Daniela Arbex.

Keywords: Investigative Journalism. Social Memory. Kiss Nightclub.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 JORNALISMO INVESTIGATIVO	10
3 JORNALISMO INVESTIGATIVO PARA A SOCIEDADE	11
4 CASO KISS E A ATUAÇÃO DOS JORNALISTAS	12
5 IMPORTÂNCIA DO JORNALISMO INVESTIGATIVO PARA A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA SOCIAL	15
6 CONCLUSÃO	18
7 MEMÓRIA	19
7.1 Sobreviventes e familiares	20
8 REFERÊNCIAS	26

1 INTRODUÇÃO

O jornalismo investigativo pode ser entendido como uma atividade baseada na confiança. Há quem diga que o jornalismo em si é investigativo, porém, essa afirmação não se baseia na maneira de apuração que difere as maneiras de se informar. Essa especialização do jornalismo já se mostrou importante perante fatos históricos e hoje, continua contribuindo para uma cobertura minimalista de alguns casos de característica “simples”, mas que a partir da apuração investigativa podem-se desencadear casos de repercussão mundial.

O desenvolvimento das tecnologias está alterando o jornalismo, suas práticas e consumo, por um público que tenta avaliar a credibilidade de informações que lhe são oferecidas em quantidades cada vez maiores e por diversas fontes. (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013, p. 7)

A investigação jornalística é de suma importância para descobertas de assuntos que nos rodeiam, assim como possibilita a credibilidade da notícia. Contudo, no processo dessa investigação é necessário analisar com atenção a ética do jornalista. Ele trabalhará diretamente com a confiança de sua fonte, e neste processo, estará em pauta quem produz e quem está sendo investigado.

Nos últimos anos tem se multiplicado o número de artigos e teses preocupados em discutir a identidade do jornalismo. Observa-se, nessa discussão, uma especificidade ligada ao fato de que o jornalismo é uma atividade que produz diariamente registros tomados como fonte de informação num sentido amplo e, principalmente, de marcação no sentido histórico. Conforme afirma Letícia Cantarela Matheus:

As marcas do tempo são especialmente sensíveis nos jornais, localizando o leitor num "lugar" na duração. O consumo diário das narrativas jornalísticas fornece um forte parâmetro espaço-temporal. [...] A marcação do tempo foi se tornando função essencial dos jornais, a ponto de lhes ser dada credibilidade para datá-lo (Matheus 2010b:2-3).

Neste sentido, o presente trabalho demonstrará a importância que o jornalismo investigativo exerce na apuração de casos de interesse público. Mais especificamente, o jornalismo investigativo na cobertura do incêndio da Boate Kiss. Levando em consideração o seu tempo para trabalho e a maneira que, depois de apuradas as informações devem ser repassadas de maneira precisa, o jornalismo investigativo se dá pelo aprofundamento nas informações.

O Jornalismo Investigativo implica em trazer à luz questões que permaneciam ocultas, seja deliberadamente por uma pessoa em uma posição de poder, ou

acidentalmente, por trás de uma massa desconexa de fatos e circunstâncias – e a análise e apresentação de todos os seus fatos relevantes ao público. Dessa forma, o jornalismo investigativo contribui crucialmente para a liberdade de expressão e a liberdade de informação. (HUNTER et al, 2009, p.3)

“Há uma diferença entre descobrir uma irregularidade e descobrir que alguém descobriu uma irregularidade. É a essa distinção e aos efeitos que ela produz no jornalismo investigativo que se dedica este livro”. (NASCIMENTO, 2010, p. 4). Tomando como exemplo, ao chegar a um acidente, alguns profissionais vão buscar somente fontes oficiais e neste caso vão se direcionar ao delegado, fazendo assim, apenas a função de repórter, mas, se o mesmo profissional começa a rodear as informações, ele passa de apenas repórter, para investigador. É nessa ausência de levantamento de dados em campo que se dá a diferença do jornalismo em si, com o investigativo.

O que quer que eu diga pode ser verdadeiro sem que eu ou qualquer outra pessoa saiba que é verdadeiro. Isto significa, porém, que a verdade é objectiva: a verdade é a concordância entre aquilo que eu digo e os factos; quer eu saiba ou não saiba que esta concorrência existe (1992 apud POPPER, 1992, p. 176).

Observa-se que a partir do desenvolvimento tecnológico acontece o fenômeno de desequilíbrio entre quem de fato produz e aos que se abstém das mídias para opinar sem que haja conhecimento das práticas reais de jornalismo.

Este trabalho trata a importância do jornalismo investigativo para a memória social, buscando respostas ao seguinte problema: de que forma o jornalismo investigativo contribui para a preservação da memória social?

Tal abordagem se justifica pela importância de refletir sobre a própria profissão, buscar conhecer mais o trabalho do jornalismo investigativo, expor mais o assunto para a valorização da área profissional.

Haverá contribuição também social, ficando este trabalho para consulta e abordagens futuras a estudante, pesquisadores e profissionais cujo tema reflete em seus interesses ou realidade.

O objetivo geral é destacar o trabalho jornalístico investigativo como forma de prevenção cultural e histórica dos acontecimentos de interesses sociais e memorização do mesmo, abrangendo um caso e trabalho específico de um profissional deste setor.

Este intento será conseguido mediante revisão bibliográfica baseado na obra da jornalista e escritora Daniela Arbex, autora do livro “Todo dia a mesma noite. A história não contada da Boate Kiss. Obra humanizada e detalhada do real em função de entrevistas dos envolvidos em todo caso, como profissionais de saúde, de segurança, famílias e sobretudo, os sobreviventes.

2 JORNALISMO INVESTIGATIVO

A priori podemos aproximar o jornalismo investigativo à humanidade. A humanidade precisa de evolução, e para obtê-la é preciso passar pelo processo de conhecimento. Em tese, o jornalismo deve seguir a Teoria do Espelho que parte da informação ao reflexo da realidade. O jornalismo investigativo, parte do pressuposto da busca pela informação mais próxima do real.

Lage (1999) afirma que se pode entender jornalismo investigativo – pelo menos parte dele – como um esforço para evidenciar misérias presentes ou passadas da sociedade, injustiças cometidas; contar como as coisas são ou foram e como deveriam ser ou ter sido. O resultado do trabalho é a produção de textos extensos que eventualmente não cabem em veículos jornalísticos convencionais. Costumam ser publicados, então, na forma de livros ou documentários em vídeos.

Livres de injunções, os repórteres se permitem explorar linhas de raciocínio divergentes e chegar a conclusões que, se não verdadeiras, pelo menos inquietam os bem pensantes.

De forma semelhante, na obra de Fortes (2005) o que caracteriza essa modalidade, é o objeto da pauta, o método de apuração, a forma e o conteúdo final com que a reportagem apresenta. Na definição de Marcelo Beraba (Fortes, 2005), *ombudsman* da Folha de S. Paulo e presidente da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), o termo “jornalismo investigativo”, causa, de fato, certo desconforto. A atividade, diz Beraba, tornou-se uma qualificação específica para as reportagens de mais fôlego, de maior investimento de apuração. Aquela que exige mais tempo e paciência para pesquisas, entrevistas, observação direta, checagem e rechechagem a busca obsessiva por documentos e provas.

Assim, o jornalismo investigativo detém suas particularidades e especialidades de maneira única. Há um processo de apuração peculiar que exige cuidado na execução como forma de proteger fontes e ética profissional, mantendo a opinião e os interesses públicos isentos de beneficiamentos.

3 JORNALISMO INVESTIGATIVO PARA A SOCIEDADE

Considerando que o jornalismo investigativo carrega características importantes, as quais merecem destaque: informações que se pretende ocultar; informações de interesses públicos e informações que resultam do esforço do profissional.

Segundo Sequeira (2005) essa interface com a prestação de serviços tem criado, no imaginário dos cidadãos, uma ideia equivocada do jornalismo investigativo: a de que ele ocupa espaços em que o estado omissivo deixa vazios, quer por incompetência, quer por irresponsabilidade, quer por má fé.

O Jornalismo é entendido como uma atividade baseada na confiança, não existe outro lastro mais importante que as relações de confiança entre jornalista e a fonte, entre repórter e editor de um lado e a sociedade de outro. A atividade não se propõe a críticas por ter seu foco na investigação e não nas notícias como o jornalismo factual, e nem a filtrações pois seu foco é a construção de vários caminhos para se chegar à verdade e transformá-la em instrumento de informação para a sociedade. Tudo aquilo que constitui informação de interesse público, que alguém pretende ocultar e que reforça a democracia, pode se transformar em jornalismo investigativo.

O jornalismo investigativo faz do seu trabalho o interesse dos cidadãos e, a partir deles, o papel que a imprensa tem nas sociedades democráticas. Ao denunciar a corrupção, as fraudes públicas e toda forma de atividade ilegal ou a má conduta em geral do poder, a imprensa se outorga a responsabilidade de servir de freio aos poderes políticos (LOPES e PROENÇA, 2003, p. 15).

O trabalho abordará sobre o caso do incêndio na Boate Kiss, em Santa Maria, Estado do Rio Grande do Sul no dia 27 de janeiro de 2013. O caso faz parte da obra da jornalista e escritora Daniela Arbex em “Todo Dia a Mesma Noite”, como um serviço prestado à sociedade por seu trabalho investigativo acerca das informações e dos detalhes do acontecimento que comoveu o país.

4 CASO KISS E A ATUAÇÃO DOS JORNALISTAS

No dia 27 de janeiro de 2013, a cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul acordou com notícia estarrecedora do incêndio ocorrido na Boate Kiss. Tudo começou quando a banda Gurizada Fandangueira tocava, e um dos integrantes disparou um artefato pirotécnico, atingindo o teto do prédio que rapidamente pegou fogo. A tragédia deixou 242 mortos e mais de 600 feridos. De acordo com o Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, “as responsabilidades são apuradas em seis processos judiciais. O principal tramitou na 1º Vara Criminal da Comarca, foi dividido e originou outros dois (falso testemunhos e fraude processual).



Bombeiros tentam debelar o incêndio na boate Kiss . **Fonte: Wikipédia.**



Bombeiros tentam debelar o incêndio na boate Kiss. Fonte: GHZ Geral.

No processo criminal, os empresários e sócios da boate Kiss, o vocalista da banda e o produtor musical responderam por homicídio simples, todos praticado com dolo eventual 242 vezes consumado pelo número de mortes e 636 vezes tentado pelo número de feridos. (RIO GRANDE DO SUL,2022)

Em outubro de 2021 foi iniciado o júri do caso Kiss. Oito anos após a tragédia ocorrer, no dia 10 de dezembro de 2021, os quatro réus foram condenados, porém, as partes apelaram e em agosto de 2022, a 1º Câmara Criminal do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, anulou o júri e revogou a prisão dos quatro acusados. Até o momento, descrito neste artigo, o processo cabe recurso da decisão.

Quase uma década após o acontecimento, a repercussão do caso se faz presente. Segundo o Portal Coletiva.Net, cerca de 200 profissionais que atuavam na cobertura do julgamento do caso teriam que entrar ao vivo diversas vezes em seus canais, como telejornais, reportagens e programas de rádio, afim de transportar ao público o que ocorrera em tempo real. Para este trabalho, foi necessário uma preparação e estudo que antecede ao produto final, que no caso é a passagem de informações ao público. O tratamento das informações, a responsabilidade da fala, o estudo do caso, revisão de reportagens que antecederam o julgamento, entrevistas com sobreviventes e réus, são propostas utilizadas pelos profissionais que precisam atuar em tragédias.

Durante a cobertura do caso, nas entradas ao vivo, percebeu-se que o jornalista virou testemunha da tragédia, as frases como “eu senti” foram expostas frequentemente, sendo prova do quanto estavam fazendo e absorvendo os sentimentos soltos pelo ar. Neste âmbito, Serelle afirma;

embora estas sejam, ainda, manifestações um tanto pontuais para constituírem tendência, concebe um modo de relação com a circunstância em que o sujeito, implicado naquilo que conta, confere ao relato o efeito de verdade principalmente pelo testemunho, desvelando, pela assunção da subjetividade e da afetividade, filigranas do outro, que normalmente escapam à percepção objetiva, e, por vezes, reivindicando, de modo engajado, a intervenção na realidade imediata (SERELLE, 2009, p. 2).

Segundo Cleofe (2005) as pequenas contradições dos fatos cotidianos são um caminho para começar a investigar. Uma investigação sempre traz uma notícia inédita. A apuração é tão rigorosa que não existe outro caminho, o repórter vai descobrir uma notícia importante quando descobrir o que está procurando.



Capa do Livro

5 IMPORTÂNCIA DO JORNALISMO INVESTIGATIVO PARA A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA SOCIAL

O livro nasce em atenção ao acidente que ocorreu na Boate Kiss, vinculada, sobretudo à passagem dos dias para os sobreviventes e familiares e à dimensão da tragédia, por um olhar mais crítico e humanizado, não transmitida nos telejornais. A obra nasce na tentativa de evidenciar o real próximo à importância social da comunicação, da pesquisa em campo e da sensibilização da situação por cada testemunho.

É, portanto, um convite à reflexão, a partir da Comunicação, sobre o acontecimento trágico que abalou os fundamentos da vida social, à esteira do poder hermenêutico que o mesmo possui.

Durante muito tempo o conceito de memória esteve ligado ao campo da psicologia individual. No entanto alguns autores, como Paul Ricoeur [cit. VARELA 2000; 5], referem que as nossas recordações são, presumivelmente, relatos que nos foram contados por outras pessoas.

O recurso de um indivíduo às recordações de outros faz com que a memória individual seja, também, uma memória colectiva na medida em que se alicerça num conjunto de memórias que passam de geração e geração, sendo compartilhadas por vários indivíduos que tomam contacto com elas através da escrita ou da oralidade.

Nas sociedades sem escrita, a memória era fundamental na transmissão dos saberes. A memória colectiva dependia do processo biológico interno de determinados indivíduos que, que por serem detentores de um determinado dom, funcionavam como guardiães da memória social do grupo.

Além disso, podemos considerar que esse aspecto testemunhal de “alguém que teve a experiência direta e imediata de um acontecimento ou de um fenômeno e que a comunica a outra pessoa que não teve a mesma experiência direta e imediata” (RODRIGUES, 1997, p.01), possa servir de conhecimento tanto para estudantes e informantes quanto para profissionais que não passaram por coberturas ou situações delicadas, a fim de tentar transmitir uma idéia do serviço a este tipo de tragédia.

mas deve-se levar em conta a indiciabilidade contida em seus aspectos sensíveis; a proximidade entre um fato, por exemplo, e outros de uma determinada cidade: “O sensível é uma categoria importante para se entender essa operação, uma vez que o local e o singular induzem emocionalmente à identificação do leitor com o acontecimento que, comunicado de forma apenas abstrata ou conceitual, poderia não mobilizar a atenção pública. (LAIGNIER PABLO apud SODRÉ, 2009, p. 235).

A sociedade deve ser vista formada de comunidades representativas que indicam as ações humanas e a realidade social. O jornalismo é resultado do ser humano e suas necessidades, as notícias só existem em função das pessoas, suas rotinas e relações interpessoais. A ética e a moral de cada indivíduo são o que os conduzem para distinção das atitudes e o saber do que é certo ou errado. A sociedade possui pessoas únicas e diferentes, no trabalho do jornalista suas histórias são mais do que relatos subjetivos, são notícias e acontecimentos.

Assim, o jornalismo pode ser entendido como tendo um “papel socialmente legitimado para produzir construções da realidade que são publicamente relevantes” (ALSINA, 1996, p. 18), ou seja, é delegada ao jornalista a função de reconhecer os acontecimentos importantes e atribuir-lhes sentido, firmando com a sociedade um recorte da realidade moldado historicamente e disposto a memória social.

A memória é importante pro indivíduo porque ele armazena tudo aquilo que adquiriu por meio da experiência. Aristóteles já dizia que tudo que está no intelecto esteve antes nos sentidos, e considera que não há memória sem aprendizado nem aprendizado sem experiências.

As ‘tecnologias contemporâneas’ remetem a uma constante mudança e atualização de instrumentos e conhecimentos, que segundo Nora (2000), levam a uma necessidade constante de obter dispositivos para armazenar dados e memória. Para Nora, devido à fluidez e rapidez da nossa experiência cotidiana, o que está mudando é a relação que os indivíduos mantêm com o passado, experiência que precisa ser revista e revisitada, pois são as narrativas de memória que oferecem a possibilidade de um retorno ao passado.

Memória e Jornalismo estão relacionados diretamente, pois o Jornalismo mantém relações explícitas com a História, atuando como uma ferramenta de recuperação da memória e do passado. Nos dias de hoje, a produção de conhecimentos é muito intensa, registra fatos, mostra cotidiano, a própria história e sua aplicação assumem um papel importante na produção jornalística, seja na particularidade da notícia enquanto um documento histórico, referência necessária para compreender a relação de “memória jornalística” e “memória social”.

Enfatizar esta especialização do jornalismo é contribuir para os processos de evolução dela. A investigação jornalística é um dos mecanismos que vem transformando tragédias, notícias e acontecimentos, em fatos históricos que contribuirão para o acervo cultural do país. Estas memórias compiladas em livros, documentário, etc, além de memória social, são também uma

forma de eternizar acontecimentos para as vítimas, famílias e então sobreviventes que apreciem essa forma de recordação.

Sodré e Ferrari (1986) identificam as principais características de uma reportagem: predominância da forma narrativa, humanização do relato, texto de natureza impressionista e objetividade dos fatos narrados. Os autores destacam que conforme o assunto ou o objeto em torno do qual gira a reportagem, alguma dessas características poderão aparecer com maior destaque, mas é sempre necessária a presença da forma narrativa. A reportagem é, portanto, um gênero que precisa ser bem preparado, que necessita de um grande preparo, físico e emocional, porque geralmente toma tempo na seleção das melhores fontes, leitura de documentos, conversa com os diferentes protagonistas e personagens envolvidos na história, exigindo que seja captado o ambiente onde ocorrem ou ocorreram os acontecimentos.

O jornalismo transforma a realidade apreensível em relato, tornando-se peça fundamental no registro de acontecimentos e isso lhe confere função histórica na sociedade. Na visão de Tranquina (1999), o jornalismo é entendido como uma prática social, que estabelece relações com o mundo material e com o mundo simbólico dos indivíduos, que acontecem enquanto história e linguagem. História porque são relações constituídas a partir das exterioridades do jornalismo, que se encontra inserido dentro do processo de produção, transformação e manutenção da sociedade.

Linguagem porque são relações constituídas também a partir do modo de quem faz. Rudiger (1998) afirma que a comunicação, em especial o jornalismo, é um mecanismo de interação social que torna possível consensos entre as pessoas. “Em função disso, não pode ser reduzida à pura e simples transmissão de experiências, consiste no processo pelo qual os sujeitos têm uma experiência comum da realidade, constroem seu mundo como coletividade” (RÜDIGER, 1998, p. 37).

Em decorrência disto, principal função do jornalismo é revelar os fatos com a máxima neutralidade, portanto, os princípios da imparcialidade, interpretação e objetividade são fundamentais para se atingir esse objetivo.

Seletiva reconstrução do passado, baseada em ações subseqüentes, não localizadas nesse passado, em percepções e em novos códigos é através da memória que se delinea, simboliza e classifica do mundo. O passado é, pois, universo de significados, disputados conflitivamente no presente. Por outro lado, a memória está sujeita a enquadramentos (POLLAK, 1989): escolhe-se o que vai ser lembrado e o que deve ser esquecido.

6 CONCLUSÃO

A exploração da temática sobre a importância dessa lacuna do jornalismo, é necessária uma vez que as mídias se mostram cada vez mais tendenciosas. O estudo do incêndio da Boate Kiss é relevante para este trabalho, pois a jornalista Daniela Arbex autora do livro “Todo dia a mesma noite: A História não contada da Boate Kiss” é um exemplo prático de um profissional que partiu de seu habitual para a prática investigativa.

Para a academia, a pesquisa é importante para embasar estudos futuros, ser usada como base de pesquisas, em aprofundamento ao curso de jornalismo, podendo resultar em maior compreensão também das especializações que o jornalismo oferece.

Com relação à contribuição social, poderá mostrar para os leitores que o jornalismo investigativo é tão importante quanto qualquer outra atividade jornalística, e trás consigo, inúmeros benefícios que serão mensurados no presente trabalho.

Pessoalmente, este trabalho também se justifica por acreditar que a pesquisa pode contribuir com uma valorização e investimento maior nessa área do jornalismo que atualmente se faz descredibilizada pela mídia e os adventos de suas práticas.

Lugares de memória funcionam fora da dinâmica cultural contemporânea. A vontade de lembrar que constitui os produtos dos meios de comunicação, mesmo jornalísticos, expressa a sensibilidade mnemônica própria desse mundo e sempre incorpora em algum nível a dimensão da espetacularização, da fragmentação, da rapidez, do entretenimento (RIBEIRO, 2013, p. 83). Porém,

a cultura da memória – que se expressa no desejo incontido de arquivamento, no impulso comemorativo, no rememorar nostálgico do passado, no dever da lembrança – não precisa se esgotar no consumo fetichizado ou no entretenimento banal. É possível imaginar que as lembranças, mesmo que se expressem de forma transitória e efêmera, podem também produzir reflexão e conhecimento (idem).

De acordo com Olick (2015), o jornalismo e a memória têm qualidades suspeitas semelhantes: são passíveis de erros, falíveis, efêmeros. Ao mesmo tempo, da perspectiva dos estudos de memória, o jornalismo também se parece muito com a História: é um empreendimento público, valoriza fontes e regras de confirmação, e seus resíduos são relativamente permanentes. Os arquivos dos jornalistas também são usados como fontes históricas, inclusive os testemunhos de que tratamos neste estudo, usados sem contextualização e aprofundamento. Em contraste, muitos dos estudos de memória se interessam na validação ou autenticidade da experiência em vez da produção profissional, e

na recepção mais do que na produção. É preciso estudar os jornalistas e seu fazer profissional para entender a memória do grupo.

7. MEMÓRIA



7.1 SOBREVIVENTES E FAMILIARES

Kel



que

Fláv



ntes

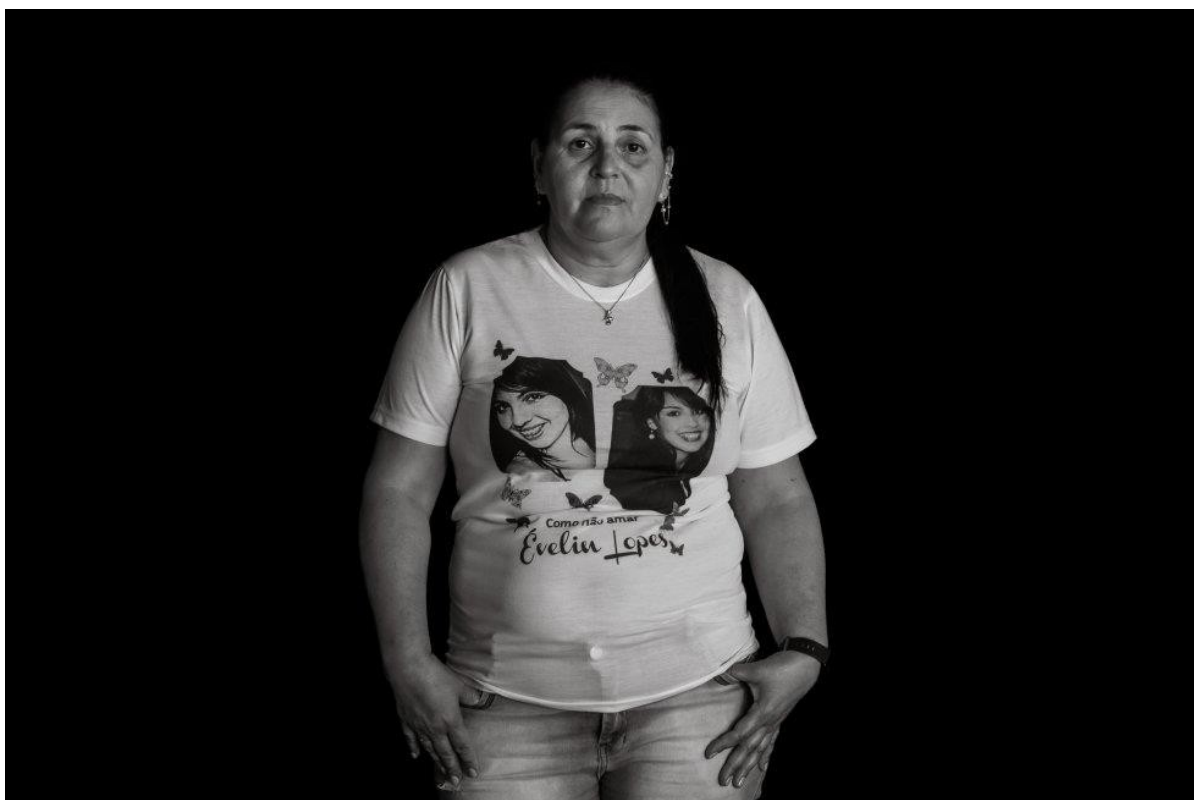


Ligiane Righi da Silva, mãe de uma das vítimas da tragédia — Fonte: G1





Marilene Santos Soares e Sérgio Leandro Soares, pais de Nathiele. Entusiasta de fotografia, os registros que deixou em seu celular foram usados como evidência. **Fonte: El País.**





Neuci Konzen, mãe de Jessica Konzen. Após a perda da filha, ganhou e adotou uma neta.
Fonte: El País.





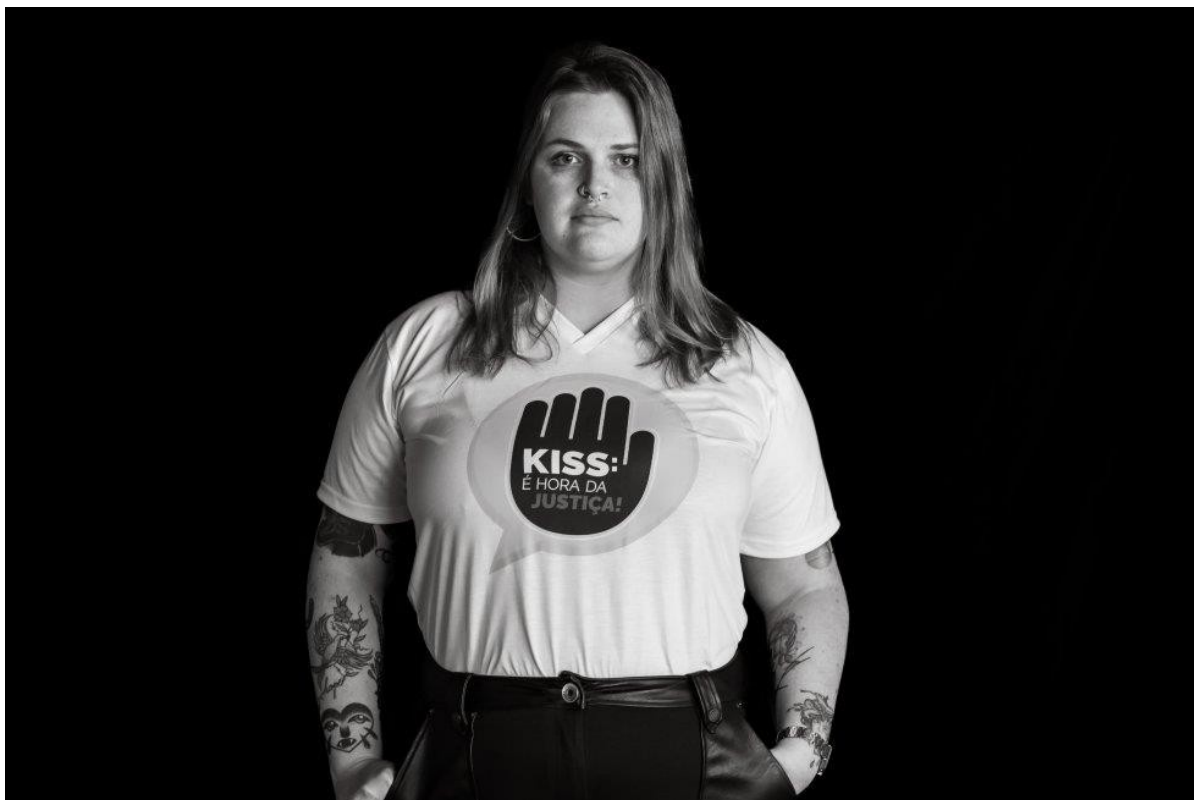
Maria Magdalena Tagliapietra. A professora e agricultora perdeu dois filhos em tragédias: Leonardo, num acidente em Nova Palma (RS), e Luciano, soldado que servia em Santa Maria. **Fonte: El País.**





Crisienne Noronha e Áurea Viegas Flores. Fonte: El País.





Vanessa Vasconcellos, ex-funcionária da boate Kiss. Segundo ela, a única preocupação dos sócios da boate era encher a casa . **Fonte: El País.**

8 REFERÊNCIAS

ANDERSON, C.W; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo ESPM**, São Paulo, ano 2, n.5, p.1-59. Abr./jun. 2013.

ALSINA, Miguel Rodrigo. **La construcción de lanoticia**. Barcelona, Buenos Aires, México: Paidós, 1996.

FORTES, Leandro. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo: Contexto, 2005. 125p.

HUNTER, Mark Lee et al. **A investigação a partir de histórias: um manual para jornalistas investigativos**. [S.l.]: UNESCO, 2013.

LAGE, Nilson. **Teoria e Técnicas de Reportagem, entrevista e pesquisa jornalística**. Santa Catarina: [s. n], 1999. Disponível em: <<http://nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/2017/10/Teterep-1.pdf>> acesso 14 out. 2022. Acesso em: 14 out. 2022.

LOPES, D. F.; PROENÇA, J. L (Org). **Jornalismo Investigativo**. São Paulo: Publisher Brasil, 2003.

MATHEUS, Leticia Cantarela. 2010. **Comunicação, tempo, história: tecendo o cotidiano em fios jornalísticos**. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, UFF.

NASCIMENTO, Solano dos Santos. **O impacto do jornalismo investigativo na agenda política: um estudo de caso. Estudos em Jornalismo e Mídia. Periódicos UFSC**, [S.l], v.13, n1, p. 32-41,2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2016v13n1p32>>.

Acesso em: 14 ago. 2022.

NORA, Pierre. Entre mémoire et histoire: laproblématiquedeslieux. In: **LesLieux de Mémoires**. Paris: Gallimard, 2000.

OLICK, Jeffrey K. ReflectionsontheUnderdevelopedRelationsbetweenJournalismandMemoryStudies. In: ZELIZER, Barbie; TENENBOIM-WEINBLATT, Karen. **JornalissmandMemory**. EUA: PalgraveMacmillan, 2014. p. 17-32.

POLLACK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart, FERREIRA, Lucia Maria Alves (Org.). **Mídia e Memória – A produção de sentidos nos meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

RIO GRANDE DO SUL, **Tribunal de Justiça**. 2022. Disponível em <<https://www.tjrs.jus.br/novo/caso-kiss/>>. 2022.

RUDIGER, Francisco. **Tendências do Jornalismo**. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

SELLIGMAN-SILVA, M. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Revista de Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008.

Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pc/a/5SBM8yKJG5TxK56Zv7FgDXS/?lang=pt&format=pdf>>.

Acessado em: 14 out, 2022.

SEQUEIRA, Cleofe. **Jornalismo Investigativo: o fato por trás da notícia**. São Paulo: Summus. 2005.

SODRÉ, M. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009. 287 p.

TRAQUINA, N. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 1999.

VARELA, Mirta [2000], “**Memória y médios de comunicación, o la coartada de las identidades**” [comunicação apresentada no V Congresso Latinoamericano de Ciências de la Comunicación – Santiago de Chile]